

CONSTRUÇÕES CLIVADAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL SOB UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA

Maria Luiza Braga
(UFRJ/CNPq)

Pesquisador auxiliar: Elisiene de Melo Barbosa
(UFRJ)

RESUMO

Neste artigo, investigamos duas “famílias” das chamadas construções clivadas, aquela integrada pelas configurações similares às *It-clefts* do inglês, aqui rotulada de Clivada, com suas variantes (Construção É QUE, Construções QUE) e aquela constituída pelas chamadas Pseudoclivadas, equivalentes às *Wh-clefts* do inglês, com suas respectivas variantes (Pseudo Clivada Invertida, Pseudo Clivada Extraposta e Construção Foco Ser). Inicialmente, caracterizamos e exemplificamos as variantes, detalhando as questões relativas à concordância número-pessoal entre o constituinte clivado e o verbo copular e a correlação modo-temporal entre os predicados verbais que integram a sentença clivada. Os resultados para a análise segundo essas variáveis sugerem que as Construções QUE e as Construções FOCO SER constituem estruturas mais gramaticalizadas. A seguir, consideramos as questões relativas à distribuição de informação nessas construções. Mostramos que o referente do segmento clivado tende a constituir informação [+ ativada], tendência mais perceptível nas Construções QUE e nas Clivadas. As Pseudoclivadas destoam deste perfil e apresentam taxas quase iguais para referentes [+ativados] e [-ativados]. Mostramos que os referentes [-ativados] que ocorrem nas construções clivadas tendem a exprimir informação compartilhada pelos interlocutores. Por fim, defendemos que as variantes em análise divergem quanto à leitura de contraste que pode ser atribuída a elas.

PALAVRAS-CHAVE: construções clivadas; concordância número-pessoal e correlação modo-temporal; [\pm ativado] e conhecimento compartilhado, contraste.

1. Introdução

Neste artigo, investigamos duas “famílias” das chamadas construções clivadas, aquela integrada pelas configurações similares às *It-clefts* do inglês e aquela constituída pelas chamadas Pseudoclivadas, equivalentes às *Wh-clefts* do inglês, com suas respectivas variantes, procurando explicar suas diferenças e semelhanças, no que concerne ao estatuto informacional do constituinte clivado e à expressão de contraste. O artigo compõe-se de seis partes: na primeira, tecemos considerações a respeito do modelo teórico que orienta o exame; a seguir, caracterizamos e exemplificamos as estruturas em estudo; na terceira, investigamos as questões relacionadas ao estatuto informacional dos constituintes clivados; na quarta seção, voltamo-nos para o exame da sinalização de contraste. As considerações finais e a bibliografia são apresentadas na quinta e sexta seções, respectivamente.

2. A abordagem teórica

Sob o rótulo funcionalismo, abrigam-se numerosas vertentes as quais, não obstante divergências teóricas, convergem quanto à adesão a um conjunto de crenças e hipóteses em interrelação. Trata-se de rótulo polissêmico, como sustenta Nichols (1984), que mostra como a palavra função e seus congêneres pode se associar a significados distintos, conforme os autores que as empregam enfatizam aspectos relacionados ou ao significado, relação, e interdependência de elementos e regras gramaticais, ou ao caráter teleológico da linguagem, ou ao contexto.

As propriedades que permitem a identificação do modelo funcionalista muitas vezes são contrapostas àquelas dos modelos formalistas, como se pode verificar, a título de exemplo, nas propostas de Halliday (1985) e de Dik (1989), retomadas em Neves (1997). De acordo com o linguista holandês, o paradigma funcional pode ser apreciado a partir dos seguintes pressupostos:

- 1) a língua é um instrumento de interação social, isto é, existe em virtude de seu uso e com vistas a certas finalidades;
- 2) a função primária de uma língua é o estabelecimento de comunicação entre os usuários de uma língua natural; vale lembrar que a comunicação não deve ser concebida apenas como a transmissão e recepção de informação factual, mas como um padrão interativo dinâmico de atividades através das quais seus

falantes efetuam certas mudanças na informação pragmática¹ de seus parceiros;

3) o correlato psicológico de uma língua natural é a “competência comunicativa” (HYMES, 1974), isto é, a habilidade de construir e interpretar expressões linguísticas e, também, a habilidade de usar essas expressões de modo apropriado e efetivo de acordo com as convenções de interação verbal que predominam numa comunidade linguística;

4) o sistema linguístico só pode ser compreendido propriamente se estudado dentro do quadro das regras, princípios e estratégias que governam seu uso comunicativo natural;

5) a aquisição da linguagem ocorre na interação comunicativa entre a criança e seu ambiente. O processo de aquisição é co-determinado por um *input* estruturado de dados linguísticos, apresentados à criança em contexto naturais e adaptados ao nível de desenvolvimento de sua competência comunicativa. O paradigma funcionalista atribui aos fatores genéticos apenas aqueles princípios subjacentes que não podem ser explicados levando-se em consideração a interação;

6) os universais linguísticos devem ser explicados em termos dos fatores externos que determinam sua natureza;

7) a semântica e a sintaxe devem ser estudadas com respeito ao quadro mais abrangente da pragmática, ou seja, a semântica é concebida como instrumental em relação à pragmática e a sintaxe, por sua vez, como instrumental em relação à semântica.

Já de acordo com Halliday, as gramáticas funcionais distinguem-se das formais porque são primariamente paradigmáticas; interpretam a língua como uma rede de relações que se realizam através das estruturas; enfatizam as variações entre as diferentes línguas; consideram a semântica como básica; e organizam-se em torno do texto ou discurso.

Discussões mais atuais a respeito dos modelos funcionalistas e formalistas, como as de Croft (1995) e Butler (2003), tendem a focalizar o parâmetro *autonomia* em suas correlações com pressupostos relativos à *arbitrariedade* e à *autosuficiência*. O primeiro sustenta que a autonomia pode ser apreciada a respeito da sintaxe, da gramática e da faculdade da linguagem. Os adeptos da autonomia da sintaxe defendem que os fenômenos sintáticos são convencionais, não assujeitados às suas funções discursivas, pragmáticas e semânticas; já os defensores da autonomia da gramática postulam que a gramática de uma língua, concebida no sentido mais amplo de forma a incluir os padrões

discursivos, pragmáticos e semânticos, independe de fatores funcionais externos que têm a ver com o uso da língua enquanto instrumento comunicativo em contextos sociais; por fim, os partidários da autonomia da faculdade da linguagem sustentam que a mesma constitui um módulo que não interage com outras capacidades cognitivas.

Como antecipado, Croft lembra que as questões relacionadas à autonomia da sintaxe e da gramática se entrecruzam com aquelas referentes à distinção entre arbitrariedade e autosuficiência. Vista em sua correlação com uma concepção de sintaxe autônoma, a arbitrariedade demanda que as regras e elementos sintáticos não sejam derivados de propriedades semânticas e discursivas; vista em sua correlação com a autonomia da gramática, a arbitrariedade requer que as propriedades da gramática não sejam predizíveis das funções sociais e comunicativas às quais ela serve.

Autosuficiência, por outro lado, em sua correlação com a concepção de sintaxe autônoma, significa que o sistema sintático de uma língua inclui elementos e regras que interagem entre si, mas não com propriedades semânticas e/ou discursivas; em sua correlação com a concepção de uma gramática autônoma implica que a gramática independe de fatores sociais e comunicativos.

Uma combinação entre as concepções de sintaxe e gramática, por um lado, e os parâmetros arbitrariedade e autosuficiência, por outro, permite a construção de um quadro capaz de identificar e denominar as várias vertentes funcionalistas, como se mostra a seguir:

	Arbitrariedade	Auto-suficiência	Posição
Sintaxe	+	+	Funcionalismo autonomista
	+	-	Funcionalismo misto, funcionalismo tipológico
	-	-	Funcionalismo extremado
Gramática	+	+	Funcionalismo externo
	+	-	Funcionalismo integrativo
	-	-	Não atestado

(Adaptado de CROFT, 1995)

Com referência ao exposto acima, Croft pontua que a aceitação de uma sintaxe arbitrária e auto-suficiente é incompatível com a visão funcionalista, o que veta a inserção do chamado “funcionalismo

autonomista” no rol das posições funcionalistas. Quanto ao outro extremo, a adoção de uma concepção de gramática totalmente motivada por padrões discursivo-pragmáticos não é endossada por nenhum viés. Ou seja, mesmo os funcionalistas mais extremados aceitam que certos aspectos da gramática e da sintaxe são arbitrários e parcialmente auto-suficientes.

Face à variedade de abordagens apontadas acima, poder-se-ia questionar a existência de um modelo capaz de abrigá-las. Haveria um paradigma funcionalista? De acordo com Butler (2003), não obstante a variedade de posições, existe um tipo de abordagem em linguística que pode ser caracterizado como funcionalista pela defesa de um conjunto de pressupostos relacionados à centralidade da semântica/pragmática, importância da dimensão cognitiva e relevância do discurso e suas relações com o contexto. Em outras palavras, os variados enfoques funcionalistas se caracterizam pela adesão, mais ou menos estrita, ao seguinte conjunto de pressupostos:

- 1) ênfase na concepção de língua como um meio de comunicação humana em contextos sociais e psicológicos;
- 2) rejeição da concepção de que o sistema linguístico é arbitrário e auto-suficiente em favor de explicações funcionais que levam em consideração fatores cognitivos, sócio-culturais, fisiológicos e diacrônicos; rejeição da hipótese de que a sintaxe é um sistema auto-suficiente em favor de uma abordagem de acordo com a qual a pragmática e a semântica são consideradas como centrais e a sintaxe como um meio para a expressão de significados ou, pelo menos, parcialmente motivada por esses significados;
- 3) reconhecimento da importância da dimensão cognitiva e do caráter não-discreto da classificação linguística;
- 4) preocupação com a análise de textos e seus contextos de uso;
- 5) interesse pelas questões relacionada à tipologia;
- 6) adoção de um ponto de vista construcional no que concerne à aquisição da linguagem.

Uma vez sintetizadas as propriedades de uma abordagem funcionalista, passamos à caracterização das chamadas construções clivadas.

3. As construções clivadas

O termo clivagem é atribuído a Jespersen para quem “A cleaving of a sentence by means of *it is* (often followed by a relative pronoun or connective) serves to single out one particular element of the sentence and very often, by directing attention to it and bringing it, as it were, into focus, to mark contrast.”² (1949, p. 147, citado em LAMBRECHT, 2001, p. 3). Destacam-se, neste trecho, várias das propriedades das clivadas a serem referidas na grande maioria das caracterizações apresentadas, posteriormente, para esse tipo de construção: a presença do verbo copular, as questões relacionadas ao foco e ao contraste, e ao caráter bi-oracional.

A análise de amostras de fala e escrita do português do Brasil revela que as construções usualmente inseridas sob o rótulo de *clivadas* compreendem um número grande de estruturas que compartilham algumas propriedades formais e funcionais e divergem quanto a outras, sugerindo a inadequação de uma caracterização única capaz de abrigar todas as configurações.

Na literatura linguística, não há consenso quanto ao estatuto sintático das construções clivadas. Assim, ao lado dos estudiosos que defendem que as mesmas representam uma oração complexa, formada por oração com o verbo copular *ser* e uma oração relativa/tipo relativa, existem os que sustentam que elas são uma oração simples, não obstante a presença de dois verbos.

A menção a uma contrapartida oracional simples ou ao fato de as construções em pauta exprimirem uma proposição que poderia ter sido igualmente expressa por uma oração simples constitui outra propriedade diferenciadora presente nas várias caracterizações, como se pode observar nos trechos seguintes:

A CLEFT CONSTRUCTION is a complex structure consisting of a matrix clause headed by a copula and a relative or relative-like clause whose relativized argument is coindexed with the predicative argument of the copula. Taken together, the matrix and the relative express a logically simple proposition, which can also be expressed in the form of a single clause without a change in truth conditions.” (LAMBRECHT, 2001, p. 4)

... they have in common [...] the property of expressing a single semantic proposition by means of two syntactic clauses. They are thus split into two parts connected by a copula". (HEDBERG, 1988, p. 1)

The it-cleft construction is generally accepted to be a marked syntactic bi-clausal option which expresses a simple semantic proposition". (PAVEY, 2003, p. 1)

... a clivagem é, muitas vezes, entendida como uma operação que se aplica a uma sentença qualquer [...] e a cinde em duas... O resultado desta cisão é *que* ela produz um nível de encaixe [...] ausente da sentença que sofreu o processo de clivagem." (BRAGA, KATO E MIOTO, no prelo)

Clivagem – termo usado na descrição gramatical com referência a uma construção denominada construção clivada: trata-se de uma única oração dividida em duas partes, cada uma com um verbo. (ex.: É Miguel que está dirigindo o carro novo)." (CRYSTAL, 1985, p. 49)

Um outro fator de divergência concerne à leitura atribuída a essas construções, por vezes entendidas como estratégias identificacionais, como é o caso de Hedberg (1988) para quem tanto as *it-clefts* quanto as *wh-clefts* e *wh-clefts invertidas* se caracterizam por esse significado. Trata-se de postura diversa da adotada por Huang e Fawcett (2002) que, baseando-se na abordagem sistêmico-funcional, mas dela divergindo, defendem que as *equativas temáticas* (*thematic equative=wh-cleft*) representam um processo relacional identificativo enquanto que as construções *tema-predicado* (*predicated-theme=it-cleft*) constituem um processo relacional atributivo.

Usualmente menciona-se que o constituinte clivado, isto é, o constituinte adjacente ao verbo copular ou ao focalizador *que*, nas Construções *QUE*, representa o foco e a oração relativa / subordinada / encaixada, a informação pressuposta, vale dizer, compartilhada pelos participantes. Hedberg (1988) e Choi (2006) destoam desta posição: para a primeira, a distinção entre as duas partes da construção clivada é um reflexo da distinção funcional entre tópico e comentário, enquanto que para o segundo a partícula *de*, uma das formadoras de sentenças clivadas em chinês, reflete a certeza do falante com respeito à proposição que está sendo veiculada.

A falta de consenso a propósito da caracterização e do papel funcional dos segmentos que integram as clivadas parece derivar do

fato de que este rótulo, como foi referido anteriormente, abriga uma família de construções que compartilham algumas propriedades formais e funcionais e divergem quanto a outras. O português do Brasil ilustra bem a dificuldade que mencionamos. Nesta língua, podem-se identificar duas “famílias” de construções clivadas, cujos membros centrais seriam as Clivadas, correspondentes às *It-clefts* do inglês, e as Pseudoclivadas, correspondentes às *Wh-clefts*. Em derredor da primeira estratégia gravitam as chamadas Construções *É que* e as Construções *Que* (BRAGA, 1989); em derredor da segunda, gravitam as Pseudo Clivadas Invertidas, as Pseudo Clivadas Extrapostas e as Construções Foco Ser (BRAGA, 1989). Subjaz a essa distinção, o estatuto das palavras *Qu* e/ou verbo *Ser*. Exemplos para essas diferentes estratégias são apresentados a seguir:

(1) Clivadas

E: Mas aí quando você for mudar para... qual é o bairro que você quer ir?

F: Não sei, aí vai depender do problema financeiro. *É Isso que vai ter que ver primeiro*³. (Amostra 80, fal. 11, mulher)

(2) Construção *É QUE*

F: Mas aparece muita lanternagem. *LanterNAGEM É QUE tem muita*. (Amostra 80, fal. 25, homem)

(3) Construção *QUE*

F: Baiano não fala muito mal, não. Ruim pra falar é paraíba. *Os paraíba BRABo lá do fundo que... que fala mal*. (Amostra 80, fal. 25, homem).

(4) Pseudoclivadas

F: E eu não estava com a chave. *Quem estava com a chave era o jardineiro*. (Amostra 80, fal 18, mulher)

(5) Pseudoclivadas Invertidas

F: ... ela também estraga mais depressa então você tem que por no congelador. Então... *Bife é o que mais caro sai hoje em dia na cozinha*. Porque você suja o fogão. (Amostra 80, fal 48, mulher)

(6) Pseudoclivadas Extrapostas

F: Eu digo: “ Olha, *não fui EU quem tirou a medida*, foi sua mãe.” (Amostra 80, fal. 18, mulher)

(7) Foco Ser

F: Os meus foram amamentados de início assim, mas como eu não tinha muito leite, não dava para nada, eles choravam mesmo, que era

pouco, quer dizer que *tinha que fazer era mamadeira MESmo*. (Amostra 80, fal. 11, mulher)

Nas Clivadas, a concordância número-pessoal entre o verbo copular *ser* e o constituinte clivado é variável assim como a correlação modo-temporal com respeito ao verbo da oração encaixada, como se exemplifica a seguir:

(8) Clivadas

(a) F: O resto do serviço *sou EU* que *faço*. (Amostra 80, fal. 11, mulher)

(b) F: Quer dizer, *foram os viZInhos* que me *acudiram*. (Amostra 80, fal. 04, mulher)

(c) F: *Foi dois SUSto* bem grande que eu *leve*. (Amostra 80, fal.04, mulher)

(e) F: Era o falecido seu Joaquim, *era Ele* que *recebia*. (Amostra 80, fal. 11, mulher)

(f) F: *É ele MESmo* que *tinha* que trazer. (Amostra 80, fal. 25, homem)

As Construções *É QUE*, por seu turno, na fala, tendem a dispensar a correlação modo-temporal e a concordância número-pessoal, como mostra o exemplo seguinte⁴:

(9) Construção *É QUE*

F: *Eles É QUE* uma vez *implicaram* comigo. (Amostra 80, fal. 26, homem)

A restrição à variação sugere que a expressão *É QUE* está constituindo um todo amalgamado, imune à correlação modo-temporal, à concordância número-pessoal e à interferência de material linguístico entre os dois itens que a integram. Sugere, portanto, que a expressão *É QUE* está se gramaticalizando como uma locução sinalizadora de foco e que os segmentos vinculados por ela não constituem uma estrutura bioracional.

A interpretação que oferecemos a propósito das Construções *É QUE* se fortalece quando se volta a atenção para as Construções *QUE*, para as quais as questões relacionadas à concordância número-pessoal e correlação modo-temporal não se colocam, visto que esta estratégia de focalização dispensa o verbo copular. O item *QUE* abandona sua propriedade conectora e passa a funcionar como um marcador gramatical de foco.

Com relação à segunda “família”, os mecanismos de focalização diferem no que tange à correlação modo-temporal e concordância número-pessoal: nas Pseudoclivadas, o verbo copular apresenta um comportamento variável quanto às variáveis concordância número-pessoal e correlação modo-temporal, como mostram os trechos em (10):

(10) Pseudoclivadas

- (a) F: ... Nesse dia, quem *danÇOU fui EU*. (Amostra 80, fal 05, mulher)
- (b) F: Quem *acaba soFRENndo não são os PAIS*. (Amostra 80, fal. 23, mulher)
- (c) F: E nisso quem se *ferrou foi os aLUnos*. (Amostra 80, fal. 38, homem)
- (d) F: Quem *fez isso no meu cabelo é o PAULO*. (Amostra 80, fal. 34, mulher)
- (e) F: Só quem *estava aqui era* minha irMÃ, a Luiza. (Amostra 80, fal 06, mulher)

Nas Construções Foco Ser, por sua vez, o item focalizador também exibe comportamento variável no que diz respeito à correlação modo-temporal, como ilustram os trechos em (11a) e (11b); a falta de correlação, por outro lado, exemplificada em (11c) é sugestiva do maior grau de gramaticalização da construção e coloca em pauta o próprio caráter bi-oracional da construção como um todo.

(11) Construções Foco Ser

- (a) F: Só *tinha* mesmo *era* hospiTais do governo. (Amostra 80, falante 38, homem)
- (b) F: Ela *apanhou* ontem *foi* oito LAta. (Amostra 80, fal. 06, mulher)
- (c) F: Que a minha vida toda *foi*, olha, *é* paGode. (Amostra 80, fal 42, homem)

As duas outras estratégias – as Pseudoclivadas Invertidas e as Pseudoclivadas Extrapostas – são de baixíssima ocorrência, demandando cuidado redobrado com as generalizações que se possam depreender de seu exame. É possível, todavia, que tendam a predominar as instâncias caracterizadas por concordância número-pessoal e correlação modo-temporal, como já foi ilustrado, anteriormente, em (5) e (6).

Os mecanismos de focalização que estamos considerando diver-

gem quanto à produtividade: na variedade de fala carioca semi-colóquial prevalecem os membros da família Clivada que, além de mais recorrentes, são mais convergentes funcionalmente. Em ambas “famílias”, no entanto, constata-se a existência de estratégias mais e menos gramaticalizadas e que colocam em questão o próprio estatuto bi-oracional da construção como um todo. A distribuição para os variados mecanismos, em ordem decrescente de ocorrência, é apresentada a seguir:

Estratégia	Número	%
Clivadas	80/300	26,5
Construções Que	72/300	24,0
Construções É Que	53/300	18,0
Pseudoclivada	45/300	15,0
Foco Ser	38/300	12,5
Pseudoclivada	7/300	2,5
Exraposta		
Pseudoclivada Invertida	5/300	1,5

Quadro 1: Distribuição das estratégias Clivadas

4. O Estatuto Informacional dos Segmentos Clivados

A configuração sintática das construções clivadas é, geralmente, explicada com referência às noções de informação focal e informação pressuposta, cabendo ao referente do constituinte clivado a expressão da informação focal e à proposição da oração subordinada, aquela introduzida pelo pronome relativo ou conector, a sinalização da informação pressuposta.

As análises de construções clivadas baseadas em dados produzidos em situação não artificial de comunicação revelam que a almejada correlação muitas vezes não se sustenta. Prince (1981), por exemplo, distribui as *it-clefts*, em inglês, em dois subgrupos, conforme a marcação prosódica recaia sobre os segmentos associados à expressão do foco ou sobre aqueles associados à expressão da pressuposição, sustentando que a diferente localização do acento se correlaciona com o tipo

de informação expressa pelos segmentos constitutivos da estrutura clivada. Um subgrupo inclui as *It-clefts* com constituintes clivados integrados por referentes que expressam informação nova, quase sempre contrastiva, enquanto o outro compreende as *it-clefts* cujas orações subordinadas apresentam a informação como um fato, conhecido por algumas pessoas, embora não ainda pelo ouvinte.

Agrupamentos similares, isto é, distinção entre os membros de um mesmo tipo de configuração clivada segundo a posição do acento, são sugeridos, de forma independente, por Geluykens (1988) e por Hedberg (1988), a propósito das Pseudoclivadas Invertidas. Assim, o primeiro diferencia as Pseudoclivadas Invertidas com Cláusula Focalizada das Pseudoclivadas Invertidas com Preenchedor (=constituente clivado) Focalizado e a segunda, as *WH-Clefts* Invertidas Comentário-Tópico das *WH-Clefts* Invertidas Tópico-Comentário.

Mais recentemente, Lambrecht (2001) sugere que a “felicidade” no uso de uma determinada construção clivada é sensível a diferentes tipos de pressuposição: pressuposição pragmática, também referida como Pressuposição de Conhecimento (*Knowledge presupposition, K-presupposition*), Pressuposição de Consciência, ou melhor, Pressuposição de Ativação (*Consciousness presupposition, C-presupposition*) e Pressuposição de Topicalidade (*Topicality presupposition, T-presupposition*). A pressuposição pragmática tem a ver com o conjunto de proposições evocadas léxico-gramaticalmente em uma sentença as quais o falante assume que o ouvinte conheça, ou acredite ou esteja preparado para aceitar no momento em que a sentença é emitida (informação velha). As suposições do falante a respeito do caráter ativado da representação mental de uma entidade ou proposição, na memória de curto prazo do interlocutor, no tempo em que o enunciado foi emitido, têm a ver com a pressuposição de ativação. Por fim, as suposições, por parte do falante, de que o ouvinte considera uma dada entidade ou proposição como um centro de interesse corrente, no tempo em que o enunciado é apresentado, têm a ver com a pressuposição de topicalidade.

Com vistas a explicar as diferenças entre as variantes⁵ em estudo – Clivadas, Construções *É QUE* e Construções *QUE*, Pseudoclivada e Foco SER – analisamos 20 entrevistas da Amostra-80, parte do acervo do PEUL, Projeto de Estudos do Uso da Língua, sediado na UFRJ, nas quais encontramos 288 ocorrências de configurações clivadas, conforme mostramos no Quadro 1⁶.

Inspirando-nos em Lambrecht (2001), examinamos o estado de ativação do referente do segmento clivado. Consideramos como [+ativados] os referentes ou proposições que julgávamos estarem presentes na memória de curto prazo do ouvinte, no momento em que o enunciado clivado era proferido, por terem sido mencionados no discurso imediatamente precedente ou por estarem presentes no contexto situacional onde transcorria a entrevista. A categoria [+ ativado] inclui também os referentes acessíveis, vale dizer, dedutíveis de outros referentes considerados pelos interlocutores⁷. Exemplos de construções clivadas envolvendo referentes [+ ativados] podem ser verificados acima em (1), uma Clivada, em (2), uma Construção *É QUE*, em (3), uma construção *QUE* e em (4), uma Pseudoclivada. Em (12), apresentamos uma instância de construção Foco SER com referente mais ativado:

(12)

F: Aliás a carne daqui é mais fresca do que a das Sendas, não é?
 E: Isso é, mas eu compro é nas SENSas. (Amostra 80, entrevistador, entrevista 17, mulher)

Os resultados, apresentados a seguir, mostram que o referente do constituinte clivado tende a constituir informação [+ ativada]. Esta distribuição é mais evidente em Construções *QUE* e Clivadas e menos evidente nas Pseudoclivadas, estratégia para a qual as percentagens para entidades [+ ativadas] e [- ativadas] são relativamente próximas. As Construções *É Que* e Foco SER, por seu turno, ficam a meio caminho no que concerne ao percentual de referentes [+ativados] e [-ativados]. Observe que os índices estatísticos para os dois fatores são praticamente os mesmos nos dois mecanismos de focalização:

	“Clivadas”		Construções	Construções <i>É QUE</i>	Pseudo- <i>Que</i>	Construções Clivadas
Foco SER [+ Ativado]	71/80 = 89,0	=	35/53= 66,0	72/77 = 93,5	25/45 = 55,5	38/58=65,5
[- Ativado]	9/80 = 11,0	=	18/53= 34,0	5/77 = 6,5	20/45 = 44,5	20/58=34,5

Tabela 1: Estado de ativação do referente do constituinte clivado

O material expresso pelo restante da construção clivada, como um todo, também tende a constituir informação ativada, como se exemplifica em (13), (14), (15) e (16), correspondentes a Clivadas, Construções *É QUE*, Construções *QUE* e Pseudoclivadas. Deste padrão, destoam as Foco Ser, já que suas proposições podem exprimir tanto informação [+ativada] quanto [-Ativada], como pode ser verificado em (17 a) e (17 b).

Os referentes [-Ativados] não suscitam problemas de processamento uma vez que tendem a constituir informação compartilhada pelos interlocutores e vêm expressos por constituintes ancorados por meio de possessivos (Prince 1981), como se mostra a seguir:

(13)

I: Você a... lembra de alguma estória, assim, para contar de vocês duas? Alguma coisa que aconteceu com vocês duas?

F: Da avó da... dela?

E: Humhum.

F: Não. Não porque a dona Meta era.. é bem mais velha, né? Aí, no caso, *era a minha MÃE que tinha mais acesso devido a idade*, né? (Amostra 80, fal 11, mulher)

(14)

F: é gíria, mas é um troço bobo, sabe? Chato, que fica até... pega até mal você falar assim, na frente de... das pessoas... pode até julgar a pessoa mal. Sei lá. Eu não gosto muito... muita fantasia também, não. Eu gosto de falar mais bonito, sabe?

E: *Mas a NOVELA É QUE ta mui... passando muita gíria para a gente*, né? (Amostra 80, entrevistador, entrevista 10)

(15)

F: E eu gostava de tricotar. Então eu faço tricô desde doze anos. Agora eu... eu faço tricô, mas na máquina. Já é industrial, porque não dá para você trabalhar a mão para vender, né? *Então SÓ para o meu neTinho que eu vou fazer à mão*. (Amostra 80, fal. 48, mulher)

(16)

F: Por que que ele (Telê) não mexeu no time? Deixava todo mundo brincar também! Mas não. Cismou com aquilo ali e não teve jeito. É, se disser: "Isso aqui é pedra". Ele vai dizer: "Não, é pau". Ele vai dizer que

é pau. E vai continuar sendo pau. Por que ele vai dizer que não é? E está vendo que é pedra, mas ele vai dizer que é pau. É!

E.: O pior é que ele disse na entrevista que...

F.: O, eu vou dizer uma coisa para você: *quem perdeu a copa do mundo foi a convocação de Telê* ele não é nem para ser convocado para ser técnico. (Amostra 80, fa. 25, homem)

(17 a)

F: Isso vai piorar, porque ficar melhor, não fica nunca mais , não!

E: Nem com o FMI ou sem o FMI?

F: Não! Quê! Nem com FMI, com... sem.. sem FMI. *Pessoal quer ouvir é o efeemiZINHO, no rádio.* (Amostra 80, fal.26, homem)

(17 b)

F: *Hoje as garotas brincam muito é de bola* (Amostra 80, fal. 11, mulher)

As cinco variantes convergem quanto à elevada taxa de nomes na posição de constituinte clivado; quanto às outras classes de palavras, nas Clivadas prevalecem os pronomes demonstrativos neutros, com referência estendida (HALLIDAY, 1976); nas Construções *É QUE*, os dêiticos temporais e nas Construções *QUE* os pronomes pessoais. Focalização por meio de outra classe que não os nomes são esporádicas em se tratando de Pseudoclivadas. As Construções Foco SER, por outro lado, são adequadas para focalização de qualquer material que se coloque à direita do predicado verbal ou do auxiliar/modalizador como se mostra a seguir:

(18)

F: Está valendo MUIto *é os estUdos.* (Amostra 80, fal 17, mulher)

F: Ele quer *é que você FAça também.* (Mostra 80, fal 09, homem)

F: Eu acho que elas têm MAIS *é que estudar.* (Amostra 80, fal. 29, mulher)

F: Está *é ensiNANdo para mais tarde.* (Amostra 80, fal 05, mulher)

A respeito dessa restrição exibida pelas Construções Foco SER, vale assinalar uma outra estrutura, preliminarmente rotulada de Duplo Foco, na qual a palavra *É* antecede uma oração e coocorre com outra estratégia de focalização, conforme se ilustra em (19).

(19)

(a) F: O rombo tá muito grande. Então, pa eles tentar fechar, quem sofre é a gente. *É a GENte é que sofre.* (Amostra 80, fal. 25 ,homem)

(b) F: Que eu acho que *é o que FALta na maioria dos casais hoje em dia é o dialogo.* (Amostra 80, fal 42, homem)

(19a) e (19b) são compatíveis com mais de uma interpretação quanto a seu estatuto sintático e ilustram bem a maleabilidade e interrelação entre as propriedades gramaticais dos variados mecanismos de focalização associados à clivagem.

5. As construções clivadas e a expressão de contraste

Mencionamos que o segmento clivado, isto é, o constituinte adjacente ao verbo copular *ser/palavra QUE*, é, tradicionalmente, associado ao foco da construção clivada e que o acento focal, por sua vez, se justificaria pelo fato de seu referente expressar informação nova e/ou contrastiva.

De acordo com Bolinger, contraste é o “fenômeno por meio do qual dois ou mais itens são contrabalançados e é indicada a preferência por algum ou vários membros do grupo.” (1961: 83). O autor ressalta a importância do *pitch*, frisando, todavia, que, sob a perspectiva deste critério, nada é unicamente contrastivo. Lembra, também, que, embora, em um sentido lato, todo pico semântico seja contrastivo, pode-se falar em *contrastive accent* apenas quando o número de alternativas é limitado, isto é, quando o número de candidatos a ocupar a posição potencialmente contrastiva se restringe.

A menção a número de candidatos pode ser observada também em Chafe (1976) para quem o contraste implica em três fatores: preliminarmente, em um conhecimento, que o falante assume ser compartilhado pelo ouvinte, de que alguém praticou uma ação⁸. O segundo fator relaciona-se ao conjunto limitado de candidatos capazes de ocupar aquela posição. Como Bolinger já o fizera, salienta que uma sentença perderá em força contrastiva se o número de candidatos for ilimitado. O terceiro fator consiste na asserção do candidato correto para aquele papel, naquela situação. A indicação da alternativa correta constitui o foco de contraste. Segundo o autor, em inglês, o contraste pode ser sinalizado por sentenças clivadas, alterações na ordem das

palavras, entonação e acento. Vale ressaltar as correlações, assinaladas por Chafe, entre o foco de contraste e o estatuto informacional: o conhecimento pano-de-fundo (*background knowledge*) deverá ser, no mínimo, quase dado enquanto que a lista de alternativas e o foco de contraste podem envolver quer elementos dados, quer elementos novos.

Taglicht (1984), por sua vez, sugere que a noção de contraste seja abordada a partir das perspectivas entonacional e contextual. Segundo ele, um elemento é contrastivo quando apresentado como um de um par de opostos. A oposição é um conceito pragmático-contextual e pode ser representada por termos opostos na estrutura semântica (ex.: positivo vs. negativo, frio vs. quente, etc.) e pelo uso de itens sintaticamente paralelos (ex: Pedro era popular e Paulo, impopular). A oposição pode ser primária ou secundária, consoante os elementos do par estejam opostos um ao outro em virtude de seu próprio significado no contexto (ex: frio vs. quente) ou estejam opostos apenas em decorrência de sua relação com opostos primários (ex: *He votes Conservative and they vote Labour*. 'Conservative' vs 'Labour' = opostos primários; 'he' vs 'they' = opostos secundários).

O contraste também pode ser caracterizado como explícito ou implícito. Se explícito, ambos membros do par de opostos estão presentes no enunciado. Se implícito, apenas um elemento do par está presente. De acordo com o autor, a forma do enunciado transmite a implicação de que alguma coisa não dita teria contido o outro membro. Ele reconhece, no entanto, que a identificação do contraste implícito pode ser problemática.

A análise das construções clivadas, à luz dessa variável, mostra que as cinco variantes em pauta podem instanciar os contrastes explícitos referidos por Taglicht. O contraste se explicita pela contraposição de duas estruturas sintáticas paralelas, que podem ser representadas tanto por dois enunciados clivados, como ilustram os trechos de (20), abaixo, quanto pelo contraponto entre um enunciado clivado e um enunciado não clivado, como instanciam os trechos de (21), a seguir:

(20) F: ... porque ela para fazer (o aborto) tinha que falar comigo. Não falou... E eu... e EU que sempre quis assumir, né? um compromisso com ela. Ela que SEMpre me dava uma volta. (Amostra 80, fal. 42, homem)

(21)

(a) E: Mas você não acha assim que ele o... os caras são brutos, não?

F: Ah! Não, porque a gente segura eles: “Olha a falta aqui, me larga! Me larga!”. E aí eles não seguram nada, *é a GENte que segura*. (Amostra 80, fal. 23, mulher)

(b) E: Mas você cozinha. E você deve ter algum prato que os seus fregueses gostam mais. Qual é?

F: Ah, eu cozinheiro não, *a minha Tia é que cozinha*. (Amostra 89, fal 10, mulher)

(c) E: Tem que falar para o marido levar para o cinema.

F: Não, ele quer ir, *EU que não QUero*. (Amostra 80, fal. 17, mulher)

(d) F: E eu não estava com a chave. *Quem estava com a chave era o jardINEIRO*. (Amostra 80, fal 18, mulher)

(e) F: Então eu não posso confiar nela, *tenho que confiar é em mim*. (amostra 80, fal 21, homem)

Com respeito a essa variável, as diferenças estatísticas entre os vários tipos de clivadas são relevantes: contrastes explícitos são mais prováveis em Construções *É QUE*; possíveis em Construções *Que*; e raras em Clivadas, Pseudoclivadas e Construções Foco SER.

Mais usuais são as quebras de expectativa, referidas por Van Dijk (1977), verificadas quer quando duas construções clivadas são contrapostas [cf. (22 a)], quer quando ocorre apenas uma construção clivada [cf. (22 b)].

(22)

(a) *Ela que é dona, mas EU que vendo para ela*. (Amostra 80, fal. 12, mulher)

(b) Quero para o... para os meus filhos, eu quero o melhor. O que eu puder dar para eles eu dou. Conforme meu pai me deu. *EU é que nunca quis*. (Amostra 80, fala. 26, homem)

A incidência do acento primário, na grande maioria dos casos, no segmento clivado associada à presença ou de uma oração encaixada, no caso das Clivadas e Pseudoclivadas, ou à presença da locução *É QUE* ou do focalizador *QUE*, ou à presença do verbo *SER* contribuem para a saliência morfossintática e prosódica do segmento clivado e da combinação desses dois recursos se infere uma leitura contrastiva, fato já observado por Jespersen. Em outras palavras, a interpretação

contrastiva decorre da própria estrutura clivada, justificando-se, portanto, considerá-las como uma construção, na acepção proposta por Goldberg: “C is a CONSTRUCTION iff_{def} C is a form-meaning pair $\langle F_i, S_i \rangle$ such that some aspect of F_i or some aspect of S_i is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established constructions.” (1992, p. 4).

Cumprе salientar que outros papéis podem se superpor à expressão de contraste, como pode ser verificado a propósito do uso das Clivadas e das Pseudoclivadas. As primeiras tendem a funcionar como instrumento de organização do (sub)tópico discursivo⁹, são constituídas por um pronome demonstrativo neutro com referência estendida (HALLIDAY, 1976), vale dizer um demonstrativo que recupera e encapsula proposições apresentadas na sequência textual imediatamente precedente, sinalizando o esgotamento e fechamento de um subtópico discursivo. Após a construção clivada com essa função, geralmente, se observa a mudança de subtópico, como se ilustra em (23):

(23)

I: O que você quer?

F: O que eu quero? Eu quero continuar estudando, sabe? Se der para me formar, tudo bem, né? Se não der, eu ir arranjar uma coisa melhor para mim viver minha vida, eu sozinha, sabe? Sem ter que morar na casa dos outros. *É Isso que eu quero.*

E: Os homens são sempre machões? (Amostra 80, fal.05, mulher)

Já as Pseudoclivadas cujo constituinte focalizado expressa informação [-ativada], por sua vez, servem para introduzir um referente novo/inferível que é retomado como tópico nos enunciados posteriores.

(24)

F.: O Paulinho, né? Foi o mais sacrificado, os outro, a gente vai moderando o negócio, entende?

E.: É o mais velho?

F.: É o mais velho. *O que MENos apanhou foi o Marquinho.* Esse que está no... o Marquinho é muito bom, ta... O Marquinho é bom demais. Marquinho é bom demais. É o filho mais novo. (Amostra 80, fal. 33, homem)

6. Considerações Finais

O exame das construções clivadas consideradas aqui, a partir de um corpus constituído por instâncias extraídas de amostra de fala empiricamente produzida, suscita a discussão de variadas questões, dentre as quais ressaltamos a potencial alternância entre elas, no mesmo contexto. Nosso estudo mostra que as estruturas em análise compartilham um núcleo comum de propriedades e divergem quanto a outros traços. Na “família” das clivadas, o constituinte focalizado geralmente expressa informação [+ ativada], tópica e a construção como um todo tende a reiterar material linguístico apresentado na sequência discursiva imediatamente anterior. Todas elas podem servir como mecanismos de contraste, leitura derivada da combinação de traços prosódicos e morfossintáticos, qual seja, a presença de uma oração subordinada, no caso das Clivadas, de uma locução (*É QUE*) ou item (*QUE*) sinalizador de focalização. Essa sinalização parece constituir a função prevalente das Construções *É QUE*. As rotuladas Clivadas, por sua vez, tendem a contribuir para a organização do (sub)tópico discursivo. A falta de correlação modo-temporal e concordância número-pessoal, em se tratando de Construções *É QUE* e Construções *QUE*, sugere que as mesmas representam uma estratégia mais gramaticalizada e que, a respeito delas, é questionável postular uma configuração bioracional. Quanto à outra família, as Pseudoclivadas com segmento clivado [-ativado] servem para a introdução de referentes novos/inferíveis no discurso que passam a funcionar como tópico na sequência textual subsequente. As construções Foco SER são empregadas para ressaltar um constituinte que se encontra à direita do predicado verbal ou do auxiliar/modalizador. As diferenças funcionais entre os tipos são de natureza quantitativa e, por vezes, encontramos sequências de duas clivadas diferentes focalizando o mesmo material linguístico. Tais fatos mostram que, no que diz respeito às construções clivadas, no português falado no Brasil, a hipótese de um isomorfismo entre forma e função deve ser rejeitada em favor de uma abordagem sensível ao caráter não discreto das categorias linguísticas.

Recebido em 10/04/09

Aprovado em 30/04/09

ABSTRACT

In this article, two “families” of so-called cleft constructions are investigated: one of them similar to English It-clefts, here referred to as *Clivadas*, and its variants (*É QUE* Constructions and *QUE* Constructions); and the other one represented by the so-called Pseudo-Cleft, similar to English Wh-Clefts, and its variants (Inverted Pseudo-Clefts, Extraposed Pseudo-Clefts and Focus Constructions with the copula *SER*). First, we characterize and exemplify the several variants, focusing on person and number agreement between the cleft segment and the copular verb *ser* and tense-mood correlations between the verbal predicates of the cleft sentences. The results for these variables suggest that the variants *QUE* Constructions and Focus Constructions with the copula *SER* are more grammaticalized than the other constructions. Next, the flow of information in these sentences is investigated. The results show that the referent of the cleft segment tends to code [+activated] information, mostly in the case of *QUE* Constructions and *Clivadas*. The focussed referents of Pseudo-Clefts, however, are different in presenting almost the same percentages for [+activated] and [-activated] referents. It is worth mentioning that the [-activated] referents tend to code shared knowledge (presupposed familiarity). Finally, the variants are argued to behave differently when they function as resources to signal contrast.

KEY WORDS: cleft constructions; person-number concord and tense-mood correlations; [\pm activated] knowledge and shared knowledge; contrast.

REFERÊNCIAS

- BOLINGER, D. Contrastive accent and contrastive stress. *Language* 37, 83-96, 1961.
- BRAGA, M. L. “As sentenças clivadas no português falado no Rio de Janeiro”. Relatório apresentado ao CNPq, 1989.

BRAGA, M. L.; KATO, M.; MIOTO, C. As construções-Q no português brasileiro culto falado: relativas, clivadas e interrogativas. In: KATO, M. e NASCIMENTO, M. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume III. Campinas: Editora Unicamp, no prelo.

BUTLER, C. S. *Structure and function*. A guide to three major structural-functional theories: Part I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: LI, C. (ed) *Subject and topics*. New York: Academic Press, 1976.

_____. *Discourse, consciousness and time*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CHOI, K. T. *Formation of a Chinese cleft sentence*. Simon Fraser University, 2006.

CROFT, W. Autonomy and functionalist linguistics. *Language* 71, 490-532, 1995.

CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

DIK, S. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

GELUYKENS, R. Five types of clefting in English discourse. *Linguistics* 26, 823-941, 1988.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: the University of Chicago Press, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. & R. Hasan. *Cohesion in English*. London: Longman Group Limited, 1976.

_____. *An introduction to functional grammar*. London: Arnold, 1985

HEDBERG, N. A. The discourse functions of cleft sentences in spoken English. *Linguistic Society of America*, 1988.

HYMES, D. *Foundations in sociolinguistics*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1974.

HUANG, G. W. & FAWCET, R.P. A functional approach to two “ focusing” constructions in English and Chinese. In: HUANG, G. W. and WANG, Z. Y. (eds) *Discourse and language function*. Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press, 2002.

LAMBRECHT, K. A framework for the analysis of cleft constructions. *Linguistics* 39.3, 463-516, 2001.

LAMBRECHT, K. Presentational cleft constructions in spoken French. In: HAIMAN, J. & THOMPSON, S.A. (eds). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. 135-179.

- _____. *Information structure and sentence form: Topic, focus and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- _____. A framework for the analysis of cleft constructions. *Linguistics* 39.3, 463-516, 2001.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Ann. Rev. Anthropol* 13, p. 97-117, 1984.
- PAVEY, E. An analysis of it-clefts within a role and reference grammar framework. *International Conference on Role and Reference Grammar*, UNESP-Campus São José do Rio Preto, 2003.
- PRINCE, E. A comparison of WH-clefts and IT-clefts in discourse. *Language* 54, 883-907, 1981.
- TACGLICHT, J. *Message and emphasis: on focus and scope in English*. London: Longman, 1984.
- VAN DIJK, T. *Text and context*. London: Longman, 1977.

NOTAS

¹ Conjunto de conhecimento, crenças, preconceitos, sentimentos que constituem o conteúdo da mente de um indivíduo em um dado tempo (DIK, 1989, p. 4).

² “A clivagem de uma sentença por meio de *It is* (sempre seguido por um pronome relativo ou conectivo) serve para salientar um elemento particular da sentença e, muito frequentemente, ao dirigir a atenção para ele e colocá-lo, como se estivesse, em foco, marcar um contraste” (tradução nossa).

³ A sílaba da palavra sobre a qual incide o pico acentual vem em maiúscula. Entre parênteses, aparecem as informações relativas à transcrição de amostra de fala na qual foi coletado o dado em questão. As informações concernem ao número atribuído ao falante e seu gênero/sexo.

⁴ Em textos escritos, de jornais cariocas, encontramos instâncias de Construções *É QUE* caracterizadas por correlação modo-temporal, como exemplifica o trecho seguinte: “Estado *foi* que *sugeri* troca de fuzil por carabina.” (Extra, 01/08/2008)

⁵ O emprego dos termos *variantes, variáveis, grupo de fatores, fatores*, tradicionalmente, associado à metodologia da Teoria da Variação, não implica que estejamos defendendo que os tipos de estratégias de focalização possam ser

intercambiadas livremente no mesmo contexto, isto é, constituam uma variantes de uma variável dependente. Os mencionados itens são aqui utilizados por facilidade de redação.

⁶ Desconsideramos, para essa análise, as ocorrências de Pseudo Clivadas Extrapostas e Pseudo Clivadas Invertidas.

⁷ As categorias de análise e os critérios de identificação são caudatários das propostas de Chafe (1994) e Prince (1981), não obstante seus primitivos diferentes, cognitivo e textual, respectivamente.

⁸ Chafe ilustra este primeiro fator através da análise da oração *Ronald made the hamburg*. Evidentemente, a se aceitar a proposta de Chafe, esta caracterização deverá ser ampliada, visto que a expressão do foco de contraste não se restringe a sintagmas com referentes agentivos.

⁹ A respeito desse uso, vale salientar as diferenças entre o português do Brasil e inglês: nesta língua, a indicação de fechamento de um turno do participante ou de uma subseção é sinalizada pelas Pseudo Clivadas Invertidas com a estrutura tópico-comentário, segundo Hedberg (1988).